



O nome delas é “resiliência”

Três iranianas que perderam parte da visão durante manifestações pela liberdade falam ao **Correio** sobre o sonho de uma nova nação e contam o que é ser mulher sob o regime teocrático islâmico dos aiatolás

» RODRIGO CRAVEIRO

Durante décadas, iranianas não tiveram escolha, a não ser conviver com a chamada “Polícia da Moralidade”, com a repressão provocada pela obrigação do uso da hijob (lenço islâmico) e com a imposição da sharia, a lei do islã. Algumas delas carregam, por toda a vida, marcas da violência provocada pelo regime. No sonho de liberdade, perderam parcial ou totalmente a visão. Quando a guerra para destituir os aiatolás começou, em 28 de fevereiro passado, as primeiras vítimas também foram as mulheres do Irã. Um míssil supostamente lançado pelos Estados Unidos atingiu em cheio uma escola para meninas, em Minab, no sul do Irã, matando pelo menos 156 pessoas — em sua maioria, alunas.

“Existe um paralelo doloroso. No Irã, mulheres jovens foram baleadas nos olhos por exigirem liberdade. Agora, meninas de uma escola em Minab são assassinadas em um ataque, enquanto simplesmente tentavam aprender”, admitiu ao **Correio** Masih Alinejad, ativista iraniana que iniciou a onda de protestos contra o hijab. “Mas não vamos fingir que essa tragédia começou com esta guerra. Antes mesmo de qualquer bomba cair, o regime havia matado pelo menos 240 estudantes durante o levante, simplesmente por protestarem. Portanto, não, esta não é uma guerra que o povo iraniano pediu. O regime está em guerra com seu próprio povo há décadas”, acrescentou.

Diretor da ONG Iran Human Rights (IHR), Mahmood Amiry-Moghaddam afirmou que milhares de iranianos e iranianas sofreram violência. “Em geral, as mulheres e garotas são sempre vítimas invisíveis das guerras e dos conflitos. Sob o regime islâmico, as mulheres sempre foram consideradas cidadãs de segunda classe. Elas não têm os mesmos direitos, não estão protegidas contra a violência doméstica. Só porque são mulheres, não têm permissão para estarem em certas posições, não podem decidir como se vestem, nem viajar sem a permissão do pai e do irmão. Em geral, o regime islâmico coloca as mulheres em uma posição muito fraca”, comentou, por telefone, o ativista, hoje exilado na Noruega. Amiry-Moghaddam esclarece que as leis e as políticas de Estado são apenas uma parte do “apartheid de gênero” visto no Irã e no Afeganistão. “Outra parte é a discriminação e a pressão da sociedade. O povo iraniano quer mudanças fundamentais, e parte delas envolve direitos iguais e oportunidades para as mulheres.”

Fotos: Arquivo pessoal



Ghazal Ranjesh: “Fui atingida com um tiro a menos de um metro de distância”

A iraniana Ghazal Ranjesh, 24 anos, vive há 10 meses no exílio, nos Emirados Árabes Unidos. Em 2022, ela protestava contra o regime teocrático islâmico, em Bandar Abbas, a 1.280km ao sul de Teerã, quando um disparo mudou tudo. “Perdi meu olho direito durante a manifestação. Fui atingida por um tiro disparado pelas forças da República Islâmica a menos de um metro de distância”, relatou ao **Correio**. “O aiatolá Ali Khamenei está morto. Por poucas horas, experimentamos alegria, ódio e tristeza, tudo ao mesmo tempo. Mas nosso povo ainda está lutando contra a Guarda Revolucionária Iraniana de mãos vazias. Até que ela seja completamente eliminada, não estaremos a salvo.” Na última quarta-feira, Ranjeksh lembrou que uma menina iraniana de 11 anos foi morta por um míssil israelense, no Kuwait.

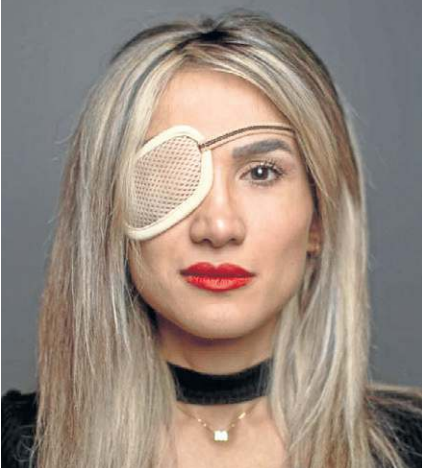
“Como uma iraniana que perdeu um olho e presenciou a morte de amigos, não vejo mais protestos com mãos vazias como um caminho bem-sucedido para a liberdade. Na minha opinião, os ataques dos Estados Unidos e de Israel são o modo mais eficiente de destruir a República Islâmica”, acrescentou Ranjesh.

“Como um vulcão”

Em 2023, Mersedeh Shahinkar, 43, apresentou o Movimento Mulheres, Vida e Liberdade e ganhou o Prêmio Sakharov, concedido pelo Parlamento Europeu. “Ser mulher no Irã é como resistir com a força do Monte Damavand contra o frio e o gelo. É igualmente belo, digno, poderoso e forte. As mulheres resistiram a esse frio e a essas dificuldades. Elas não desistiram. Em



Kosar Eftekhari: desejo de justiça e nenhuma possibilidade de perdão



Mersedeh Shahinkar: pela igualdade de direitos para as mulheres e os homens

vez disso, como um vulcão, entraram em erupção, durante o movimento pela liberdade, e demonstraram sua força”, disse ao **Correio**, citando o vulcão no Irã.

Ela prevê um futuro “brilhante” para o Irã. “Nós veremos igualdade de direitos para mulheres e homens. Pessoas de todo o mundo viajarão ao meu país e verão a beleza de uma nação livre, feliz e moderna.” De acordo com Shahinkar, hoje nos EUA, depois da eventual queda do regime, o papel e a posição das mulheres se fortalecerão. “Veremos muitas mulheres talentosas na música. Em minha nação, cantar é um crime para as mulheres.” Ainda hoje, Shahinkar precisa lidar com infecções recorrentes e dor.

Exilada na Alemanha, Kosar Eftekhari, 26, perdeu o olho em 12 de outubro de 2022, pouco depois de ser libertada da prisão. “Voltei às ruas. Por mim, por meu

» Irã descarta rendição e Trump faz ameaças

“Derrotado do Oriente Médio”. O termo foi usado por Donald Trump para mencionar o Irã, a quem o presidente dos EUA fez novas ameaças. “O Irã não é mais o valentão do Oriente Médio, é o derrotado do Oriente Médio, e será assim por muitas décadas, até que se renda ou, mais provavelmente, enfrente o colapso! Hoje, o Irã será atingido muito duramente!”, declarou. O republicano acusou o Irã pelo ataque à escola para meninas, em Minab (sul). “Acreditamos que tenha sido feito pelo Irã, porque eles são muito imprecisos, como vocês sabem, com suas munições”, disse ao jornal *The New York Times*. Depois de o presidente Masoud Pezeshkian pedir desculpas aos vizinhos do Golfo e prometer que não serão atacados, o Irã lançou mísseis e drones contra vizinhos que abrigam bases americanas. Pezeshkian ignorou o apelo por “rendição incondicional”, feito por Trump, e avisou: “Os inimigos levarão para o túmulo o desejo de que o povo iraniano se renda.” A Assembleia de Experts, composta por 88 clérigos, deve se reunir hoje para escolher o líder supremo, sucessor do aiatolá Ali Khamenei. Nos Emirados Árabes Unidos, um ataque com drone levou ao fechamento provisório do Aeroporto Internacional de Dubai.

povo e por meu país”, lembrou à reportagem. Durante os protestos, ela estava perto da confeitaria Shirini France, em Teerã. “Soldados armados bloquearam a rua. Tirei meu hijab compulsório. Eles me atacaram, disseram que eu não estava vestida como queriam. Bateram em mim. Um deles sorriu e disparou no meu olho”, relatou. Durante anos, Eftekhari tem se perguntado se deveria perdoar o agressor. “Sinto, com mais força, que um crime não pode ficar impune. Se alguém pode cegar uma pessoa com um sorriso e não sofrer consequências pelo crime, então a violência na sociedade nunca cessará”, disse. O sonho dela: uma separação absoluta de religião e política no Irã, e um governo secular. Questionada sobre o que é ser mulher na república islâmica, ela respondeu: “Privação, opressão, voz silenciada, ser apagada”.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

TEMPESTADE E ÍMPETO EM BERLIM

A política é apaixonada por si mesmo. O 76º Festival de Berlim — Berlineale 2026 — terminou no mês passado reconhecendo e premiando o humanismo do cinema do Ceará. Mas o que roubou a cena do evento, criado na Berlim Ocidental da Alemanha dividida, não foram os mais de 400 filmes exibidos. Foi uma carta aberta de 80 atores e diretores de cinema de vários países criticando o Festival por não se manifestar sobre o que está acontecendo na Faixa de Gaza. E para protestar contra a opinião do presidente do júri, o consagrado diretor alemão Wim Wenders, que destampou, de forma emocionante, a confusão que anda na cabeça de alguns cineastas: “Temos que ficar de fora da política, porque somos o contrapelo da política... O oposto da política. Temos que fazer o trabalho das pessoas e não o dos políticos”. A diretora do Festival, Tricia Tuttle, completou: o cineasta fala por

meio de suas obras e que nenhum filme do festival é indiferente ao que se passa no mundo. A atriz Juliette Binoche passou um sabão nos colegas: “É mais fácil assinar um papel do que ir a Gaza ajudar as pessoas de verdade”.

A política tem a propensão de tornar tudo pasto para o rebanho dos virtuosos. Com uma câmara na mão e um partido na cabeça, a arte perde dimensões da sensibilidade. Filme político quer ser degustado, não assistido. Ora, política não é tudo. É previsível, e anda para trás em busca de fantasma, mais crítica do que esperança no roteiro. Não gosta de retoques, pois só existem anjos e opressores, fixos, sem ordem inversa, dissonância. Mesmo colorido o filme político é preto e branco. O que move seu engajamento é a palavra de ordem de comando emocional, o feudo linguístico que aciona e a derrocada da dúvida para melhor fazer o ponto de vista virar tomada de posição.

A declaração de Wim Wenders surpreendeu pela forma tranquila de dizê-la, sem dar caráter sombrio, nem ímpeto ao fazê-lo. Pedagógico, seguro do seu papel, não se dirigiu a ninguém especificamente. Causou tempestade na cabeça de quem enfiou a carapuça.

Acho que o que ele quis dizer, pela forma como roda seus filmes, foi mais ao menos o seguinte: há, na vida de muitos homens e mulheres, em todos países do mundo, um destino, aos quais só resta, inocentes e sem culpa, a glória dos mortos que são recordados com honra e sem defeitos, para serem melhor cantados como heróis, pelos filmes que consagram... seus diretores. Wenders talvez estivesse sugerindo que a beleza do cinema é fazer o acontecimento, não os copiar. Não é uma arte só para deleite de engajados, pois a vida é mais do que pensa um sábio. Não vejo necessidade de alguém ter saído do festival

para afirmar sua inocência se ela não foi questionada. Ora, bolas! Wenders deu uma resposta a uma pergunta de um repórter político pró-Palestina, sobre a posição política pró-Palestina, de um festival de cinema em Berlim, patrocinado pelo governo da Alemanha, que apoia Israel.

Todos sabem que a política, com sua propensão à insensatez, só escuta a si mesmo. Hollywood assimila e dá um jeito. É exemplar o caso do diretor negro que fez a coisa certa. Ao perder o Oscar, pôs a boca no trombone, acusando os diretores da premiação pela ausência de negros na tela do cinema norte-americano. Spike Lee levou o Oscar da inconveniência politicamente correta, mas venceu Hollywood que, hoje não dá prêmio pela cor. Outro caso é a espetacular ausência esnobe do Poderoso Chefão Marlon Brando. Ganhou e não foi. Mandou uma jovem indígena para “não aceitar” o prêmio, porque os índios eram sempre vilões nos filmes. Cinquenta anos depois, a Academia pediu desculpas à apache Sacheen Littlefeather, por cortar o microfone dela, enquanto lia o que Brando escrevera. Hoje,

nem Tarantino aceita índio que escarpela.

Todas as aflições no Oscar são digeridas e controladas, pois sabem bem usar a espontaneidade, fúria ou esnobismo dos enfeitados para ajudar a rejuvenescer uma Academia, sempre embriagada de elogios. Quem veste o Oscar é o mercado cinematográfico mundial e, quando há adereços no figurino, são recados para alguém por engajamentos oportunos. O Oscar vive, mesmo, é dos indispensáveis crentes que praticam obediência a grupos e gostos, fato comum em todas as atividades badaladas. Criticar a premiação é caminho sem destino. Melhor não reclamar de nada.

O Urso de Berlim se inquieta e absorve mais a vida interior e a alma das pessoas, e se curva menos ao mercado, do que o cavaleiro do Oscar. Como Veneza e Cannes é um jovial, agitado e charmoso prêmio de cinema da Europa. A carta ácida dos 80 críticos deveria ser entregue ao Reichstag, com cópia para o Bundeskanzleramt. É na sede do Parlamento alemão e da chancelaria que estão os destinatários.

PAULO DELGADO, sociólogo